

Morte e vida Tenetehara: a luta dos *Guardiões da Floresta*

Death and Life Tenetehara: The Fight of the Guardians of the Forest

Muerte y vida Tenetehara: La lucha de los Guardianes de la Selva Amazónica

Jairo da Silva e Silva¹

Resumo: A Amazônia é o maior bioma brasileiro e a maior reserva de diversidade biológica do mundo e concentra a maioria das sociedades indígenas brasileiras, que carregam consigo a missão de protegê-la e preservá-la. Sendo assim, fundamentado em pressupostos da história do tempo presente, este artigo lança um certo olhar à luta dos *Guardiões da Floresta* em defesa desse bioma por parte do povo Tenetehara, ali situado. Se, por um lado, o Estado reconhece a organização social, costumes, línguas, crenças, tradições e o direito originário sobre os territórios ocupados milenarmente pelos indígenas, por outro, hodiernamente, o que se vê são estruturados processos de violências instituídos pelo poder hegemônico desde a colonização à colonialidade. A luta Tenetehara evidencia as inúmeras epistemes as quais possibilitaram a existência indígena em milhares de anos, muito antes da invasão europeia, bem como vêm garantindo as práticas de resistências no tempo presente.

Palavras-chave: Povo Tenetehara. *Guardiões da Floresta*. Devastação da Amazônia.

Abstract: The Amazon is the largest Brazilian biome and the largest reserve of biological diversity in the world and is home to the majority of Brazilian indigenous societies, which carry with them the mission of protecting and preserving it. Thus, based on assumptions of the history of the present time, this article takes a certain look at the struggle of the Guardians of the Forest in defense of this biome by the Tenetehara people, located there. If, on the one hand, the State recognizes the social organization, customs, languages, beliefs, traditions and the original right over the territories occupied for millennia by the indigenous people, on the other hand, nowadays, what is seen are structured processes of violence instituted by the hegemonic power from colonization to coloniality. The Tenetehara struggle highlights the numerous epistemes that made possible the indigenous existence in thousands of years, long before the European invasion, as well as guaranteeing the practices of resistance in the present time.

Keywords: Tenetehara indigenous. Forest Guardians. Devastation of the Amazon.

¹ Doutorando em Letras: Linguagens e Representações. Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC. Mestre em Letras: Linguística e Teoria Literária. Universidade Federal do Pará, UFPA. Email: jairo.silva@ifpa.edu.br

Resumen: La Amazonía es el mayor bioma brasileño y la mayor reserva de diversidad biológica del mundo y alberga la mayoría de las sociedades indígenas brasileñas, que llevan consigo la misión de protegerla y preservarla. Así, a partir de supuestos de la historia de la actualidad, este artículo da una cierta mirada a la lucha de los Guardianes de la selva amazónica en defensa de este bioma por parte del pueblo Tenetehara, allí asentado. Si por un lado el Estado reconoce la organización social, las costumbres, lenguas, creencias, tradiciones y el derecho originario sobre los territorios ocupados por milenios por los indígenas, por otro lado, en la actualidad, lo que se ve son procesos estructurados de violencia instituida por el poder hegemónico de la colonización a la colonialidad. La lucha de Tenetehara destaca las numerosas epistemes que posibilitaron la existencia indígena en miles de años, mucho antes de la invasión europea, así como garantizaron las prácticas de resistencia en la actualidad.

Palabras clave: Indígena Tenetehara. Guardianes de la selva. Devastación de la Amazonía.

[...] Por isso que os nossos velhos dizem: ‘Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai’. Isso não é importante só para a pessoa do indivíduo, é importante para o coletivo, é importante para uma comunidade humana saber quem ela é, saber para onde ela está indo [...].²

Início

Durante a década de 1950, no Centro-sul do Maranhão, as terras indígenas da região de origem de meus avós maternos ainda não eram demarcadas e homologadas pelo governo federal. Naquele tempo, os povos indígenas que por ali sempre habitavam, já lutavam incessantemente pela demarcação da terra e preservação dessa parte da Floresta Amazônica. Entre essas vozes denunciantes e combatentes, uma não se pode mais ouvir: Francisco Barros da Silva (nome civil de Chico Toco³), meu avô materno, guerreiro de origem Tenetehara/Guajajara. Numa ida à parte urbana da cidade de Grajaú (MA), Chico Toco desapareceu e desde então, nunca mais soubemos de seu paradeiro. Acreditamos que tenha sido tombado por aqueles que tanto o ameaçavam por causa da defesa de nossos territórios.

² Ailton Krenak (1999).

³ O codinome *Toco* designa o pertencimento de meus avós maternos ao território indígena Toco Preto, habitado pelos povos Krepym Katejê/Timbira e Tenetehara/Guajajara, localizado em Itaipava do Grajaú que, naquela oportunidade era povoado [distrito rural] de Grajaú (MA). Somente 30 anos depois, em 1986 que o governo federal declarou como Terra Indígena (TI), sendo homologada em maio de 1994, mesmo ano em que o povoado Itaipava de Grajaú é desmembrado de Grajaú e passa à condição de município. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3671>. Acesso em: 20 ago. 2022.

Com a instabilidade constante e sob as ameaças daqueles que queriam se apropriar de nossas terras, e considerando o sumiço do meu avô Chico Toco, em meados da década de 1950, mais precisamente, no ano de 1955, a minha avó Maria José Araújo da Silva (nome civil da guerreira Tenetehara-Guajajara Maria Toco), para rumar por dias melhores, entrou num batelão no Rio Grajaú, levando a sua prole, três meninas-mulher e três meninos-homem, chegando ao Rio Pindaré, Centro-oeste maranhense, região onde a mãe cresceu e constituiu família, gerando a mim e minhas irmãs e meus irmãos.

A narrativa aqui contada, não é apenas um caso particular, mas uma situação comum a milhares de famílias brasileiras migrantes indígenas, vítimas da omissão do Estado brasileiro frente ao *trator compressor* do capital. Faço questão de iniciar este texto meu narrando um pouco a nossa história a partir do filme *Morte e Vida Severina* (1977)⁴, baseado na famosa obra do pernambucano João Cabral de Melo Neto (1955)⁵. Severino é o retirante nordestino que, para fugir das agruras impostas pela seca do Sertão (uma vez mais, a omissão do Estado frente à in/visível mão do capital), resolve tentar mudar de vida e migra para o litoral e o Sudeste brasileiro, não sabendo ele que o que lhe aguardaria era muito mais difícil do que parecia.

É nessa mesma esteira que se dá a narrativa de minha história de vida, que deixa de ser minha e passa a ser coletiva. Desde muito tempo, nós, indígenas e descendentes seus, temos assistido o desamparo, a omissão do Estado brasileiro quanto à proteção de nossos territórios. Não enxergamos a terra, território, territorialidade tal como o capital a enxerga. Não somos os donos da terra, nós somos a própria terra! O território é a nossa própria vida! Minha avó Maria Toco foi mais uma entre as milhares de vítimas dos maus-tratos da migração forçada - fruto de um Estado que não nos protege como deve de ser. Minha avó rumou-se desde o Centro-sul para o Centro-oeste maranhense e por onde passou, morou e ancestralizou⁶, assim como Severino, só assistiu a irresponsabilidade do Estado. Parece que tal irresponsabilidade é um articulado projeto de afronta à existência indígena, tal como disserta o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro:

Hoje os que se acham donos do Brasil – e que o são, em ultimíssima análise, porque os deixamos se acharem, e daí a o serem foi um pulo (uma carta régia, um tiro, um

⁴ Fonte: *Morte e Vida Severina* (1977). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QUrocbXzb5Q>. Acesso em: 20 ago. 2022.

⁵ Fonte: MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina*. 1. ed. São Paulo: Tuca, 1955.

⁶ Quero dizer que o seu corpo foi devolvido à terra e o seu espírito faz parte das constelações ancestrais. Agora, como uma estrelinha, desde o céu, vê a sua terra demarcada.

libambo, uma PEC) – preparam sua ofensiva final contra os índios. Há uma guerra em curso contra os povos índios do Brasil, apoiada abertamente por um Estado que teria (que tem) por obrigação constitucional proteger os índios e outras populações tradicionais, e que seria (que é) sua garantia jurídica última contra a ofensiva movida pelos tais donos do Brasil, a saber, os ‘produtores rurais’ (eufemismo para “ruralistas”, eufemismo por sua vez para ‘burguesia do agronegócio’), o grande capital internacional, sem esquecermos a congenitamente otária fração fascista das classes médias urbanas. Estado que, como vamos vendo, é o aliado principal dessas forças malignas, com seu triplo braço ‘legitimamente constituído’, a saber, o executivo, o legislativo e o judiciário.⁷

Nesse contexto, diante da omissão daquele que, constitucionalmente, deveria nos proteger e garantir os meios possíveis para a manutenção de nossa existência - neste caso, o Estado, é que procuramos resistir de acordo com aquilo que acreditamos: defender a terra, defender a floresta com a própria vida, se preciso for. É nessa condição que vários povos originários do Maranhão e do Pará se organizaram e criaram o grupo de defesa à *Mãe Terra: Guardiões da Floresta*. Dentre esses *Guardiões*, pretendo discorrer sobre aqueles de onde vem a minha descendência, os Tenetehara.

Os Tenetehara (que significa “somos os seres humanos verdadeiros”) são um dos povos indígenas mais numerosos do Brasil, e possuem dois grupos: Guajajara e Tembé. Os Guajajara (que significa “donos do cocar”) habitam mais de 10 Terras Indígenas na margem oriental da Amazônia, todas situadas no Centro-sul e Centro-oeste do Maranhão. Localizados no Pará, os Tembé (significaria “nariz chato”) constituem o ramo ocidental dos Tenetehara⁸.

Desta forma, os *Guardiões da Floresta* estão presentes em oito Terras Indígenas (T.I.) Tenetehara, sendo sete Guajajara (no Maranhão) e uma Tembé (no Pará). Estes *Guardiões* são 120 homens que cansados de tantos ataques de grileiros e madeireiros, bem como se cansaram do descaso por parte do Estado, a ponto de, nos últimos anos, se organizar e se articular entre si e com demais organizações aliadas e começaram a agir por conta própria para a realização do monitoramento integrado de seus territórios.

Ao colocarem as suas próprias vidas na linha de frente ao combate à devastação da floresta, o que impacta diretamente em seus modos de vida, resultando numa “necropolítica ambiental”⁹, os *Guardiões da Floresta* vigiam e monitoram diuturnamente suas terras. Diariamente, é uma luta desigual contra os agentes do crime organizado ambiental que atuam na Amazônia brasileira, no tempo presente.

⁷ Fonte: CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os Involuntários da Pátria - Reprodução de Aula pública realizada durante o ato Abril Indígena, Cinelândia, Rio de Janeiro 20/04/2016, *ARACÊ* – Direitos Humanos em Revista, ano 4, n. 5, fev./2017. p. 187.

⁸ *Guajajara*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajajara>. Acesso em: 20 ago. 2022.

⁹ ZAGATTO; SOUZA, 2020.

A propósito, a referência feita aqui ao tempo presente diz respeito ao “olhar, em função do resultado de hoje, para um passado que somente sob essa luz adquire significação [...] e suas relações com os contemporâneos, os testemunhos, os atores, a demanda social [...]”¹⁰.

Explica Lucilia Delgado e Marieta Ferreira¹¹ que “o tempo presente refere-se a um passado atual ou em permanente processo de atualização”. Nesse mesmo entendimento, ratifico essa concepção de permanente atualização a partir dos estruturados processos de violências instituídos pelo poder hegemônico desde a colonização à colonialidade, posto que “a colonialidade é a continuação do colonialismo por outros meios”¹².

No caso das sociedades indígenas, historicamente, estas se baseiam na oralidade, sendo essa uma das fontes valoradas pela história do tempo presente a qual bebe nas fontes metodológicas da história oral, por exemplo. Argumenta Delgado & Ferreira (2013) que a história oral tem possibilitado o registro de inúmeras narrativas, que são importantes construções memoriais, individuais e coletivas, assim como se vê no presente texto.

São diferentes sujeitos e testemunhas da história que, estimulados por historiadores e profissionais de áreas afins à história, relatam suas experiências de vida, as quais se convertem em documentos passíveis de crítica e análise. Em outras palavras, narrativas e testemunhos são identificados como registros relevantes – como documentos – que podem contribuir para um melhor embasamento da história do tempo presente.¹³

Sendo assim, neste trabalho, procuro trazer à tona a luta dos *Guardiões da Floresta*, por meio de suas denunciante vozes. São vozes como a flecha lançada. São gritos cortantes. São “vozes de faca cortando, como o riso da serpente, são sons de sins, não, contudo”, como bem poetizou Chico César na canção que inicia seu show “Aos vivos” (1995).

São vozes múltiplas, que muitas vezes registram de formas diferentes e até conflitantes a rememoração de acontecimentos e processos. São fontes orais que, por trazerem uma diversidade de visões de mundo e de relatos de experiências, valorizam o registro da heterogeneidade do vivido, em detrimento de uma homogeneidade que usualmente simplifica e distorce o mundo real, os movimentos e os conflitos da história.¹⁴

¹⁰ Fonte: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. *Revista História Hoje*, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013. p. 20.

¹¹ 2013, p. 25

¹² Fonte: BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. Modernidade/Colonialidade sem “Imperialidade”? O Elo Perdido do Giro Decolonial. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. v. 60, n. 2, p. 205-540, 2017. P. 518.

¹³ DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 28.

¹⁴ DELGADO, FERREIRA, 2013, p. 28.

Meio

Essa tem sido a luta dos *Guardiões da Floresta*: evitar ao máximo possível a queda da floresta. Essa organização não é de hoje, é desde a invasão, 1500. Mas, oficialmente, após mais de cinco séculos de resistência, foi no ano de 2013 que a organização foi formalizada. É mais que uma luta, é como se fosse se fosse uma guerra. Muitos de nossos tombam, perdem suas vidas em defesa da floresta, mas nessa jornada de morte e vida Tenetehara, cada morte é como uma semente que cai em terra fértil, que germina, pede *pra* brotar, que cresce e vive em defesa da *Terra Mãe*.

Imagem 1 – Guardiões da Floresta: uma das equipes que fazem rondas na T.I. Arariboia



Fonte: Olímpio Guajajara, acervo pessoal (2020).

Em ambos os lados da presença Tenetehara (oriente, Maranhão; ocidente, Pará), guerreiros estão tombando, caindo por terra, tal como cai uma árvore que é derrubada. No dia 1º de novembro de 2019, tombou Paulo Paulino Guajajara¹⁵. 26 anos, era essa a idade de Paulino, covardemente assassinado com um tiro no rosto numa emboscada de madeireiros dentro de sua própria Terra Indígena, Arariboia, Amarante do Maranhão (MA). Laércio Souza Silva Guajajara foi alvejado no braço e nas costas, mas conseguiu escapar. Ao narrar o acontecido, assim diz o sobrevivente ao portal de notícias *GI-MA* e à *TV Mirante*:

¹⁵ Fonte: *Responsabilizamos o Estado e o governo federal pelo assassinato de Paulo Paulino Guajajara*. Disponível em: <https://cimi.org.br/2019/11/responsabilizamos-o-estado-e-o-governo-federal-pelo-assassinato-de-paulo-paulino-guajajara/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

Nós indígenas temos a floresta em pé, temos casa lá. A caça é o nosso açougue, nossa terra é o que nós temos. Não precisamos estar destruindo a terra, vendendo madeira, tirando minério... Nós precisamos é estar dentro do território [...] Enquanto nós estivermos vivos, vamos lutar. Isso não vai acabar. Nossa terra não vai sumir. Eles vão querer nos destruir aos poucos. Eles [governo] não fazem é porque não quer. Não é porque não dão conta. Eles têm viatura, tem avião, equipamentos... Mas já que eles não fazem isso, nós faz por conta própria porque nossa terra está sendo acabada. Os parentes lá, os Awa-Guajá, precisam até muito mais que nós, Guajajaras.¹⁶

A perda de Paulino Guajajara é mais um número para a trágica estatística contabilizada pela plataforma *Cartografia de Ataques Contra Indígenas (Caci)*¹⁷: mais de 40 Guajajara foram assassinados entre os anos 2000 e 2020, sendo que, na última década, pelo menos 13 guerreiros Guajajara da T.I. Arariboia foram mortos. No momento da escrita deste texto [setembro de 2022], mais três indígenas Guajajara foram mortos em menos de duas semanas lado maranhense: Janildo Oliveira Guajajara [o sexto Guardiã da Floresta assassinado desde a fundação do grupo], assassinado com tiros nas costas, em Amarante do Maranhão; já no município de Arame, numa semana, Israel Carlos Miranda Guajajara morreu atropelado, e na outra semana, Antônio Cafeteiro Silva Guajajara foi assassinado com seis tiros, tal como divulgou o Portal de notícias *GI-MA*:

Três indígenas Guajajara são mortos em menos de duas semanas no MA [...] Mais um caso de violência contra a etnia Guajajara foi registrado no Maranhão. O indígena Antônio Cafeteiro Silva Guajajara foi morto com seis tiros no domingo (11), na estrada do Povoado Jiboia, no município de Arame, a cerca de 600 km de São Luís. Esse é o terceiro assassinato de indígenas da etnia Guajajara em menos de duas semanas no estado. No dia 3 de setembro, Janildo Oliveira Guajajara, que já foi Guardiã da Floresta, foi assassinado com tiros nas costas, em Amarante do Maranhão. Já no município de Arame, Israel Carlos Miranda Guajajara morreu após ser atropelado e a polícia confirmou que se trata de um caso de homicídio¹⁸.

No tocante ao guardião Janildo Guajajara, os *Guardiões da Floresta* da Terra Indígena Arariboia denunciaram o crime e mais uma vez cobraram justiça:

¹⁶ Fonte: 'Enquanto estivermos vivos, vamos lutar', diz indígena sobrevivente a emboscada de madeireiros no Maranhão. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2019/11/05/enquanto-estivermos-vivos-vamos-lutar-diz-indigena-sobrevivente-a-emboscada-de-madeireiros-no-maranhao.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2022.

¹⁷ Fonte: "A palavra Caci significa 'dor' em Guarani. É a primeira vez que as informações foram sistematizadas e georreferenciadas em uma visualização que permite olhar os casos em sua dimensão territorial". Disponível em: <https://dados.gov.br/aplicativo/cartografia-de-ataques-contra-indigenas-caci>. Acesso em: 20 ago. 2022.

¹⁸ Fonte: *Três indígenas Guajajara são mortos em menos de duas semanas no MA*. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2022/09/13/tres-indigenas-guajajara-sao-mortos-em-menos-de-duas-semanas-no-maranhao.ghtml>. Acesso em: 31 set. 2022.

Terra Indígena Arariboia – Maranhão, 05 de setembro de 2022.

Os Guardiões da Floresta da Terra Indígena Arariboia – Maranhão por meio de sua Associação Ka'a Iwar vem se manifestar e denunciar a continuidade da violência contra suas vidas e contra o seu território. No último dia 3 de setembro mais um guardião da floresta foi assassinado em uma emboscada. Já são seis guardiões da floresta assassinados violentamente sem que a justiça tenha sido feita, sem que houvesse a devida punição e responsabilização pelos autores desses crimes.

O guardião Janildo Oliveira Guajajara já atuava conosco desde 2018 e atuava na região do Barreiro – Terra Indígena Arariboia, em aldeia próxima do local de uma estrada aberta por madeireiros e que foi fechada pelos guardiões. Desde então, ele e outros guardiões da região sofrem ameaças constantes e cada vez mais as ameaças se intensificam.

Por todos esses anos fizemos e continuaremos a fazer a proteção territorial mesmo sendo ameaçados e mortos. Somos contrários à violência que mata e destrói, por isso lutamos pela vida.

Nosso povo clama por justiça e exigimos a devida investigação desse e de outros assassinatos contra o povo Tenetehar e queremos resposta da justiça de mais esse crime bárbaro.

Seguiremos fortalecidos na nossa luta pela coletividade, pelo nosso território, pelo nosso povo Tenetehar e pelo povo Awá Guajá.

Associação Ka'a Iwar dos Guardiões da Floresta da Terra Indígena Arariboia.¹⁹

Entre os Tenetehara/Tembé, no Pará, a violência também impera. Em fevereiro do ano passado [2001], o professor de História, Isac Tembé, foi brutalmente assassinado pela Polícia Militar quando estava caçando²⁰.

Em 2019, antes da explosão da pandemia do novo coronavírus, os *Guardiões* participaram de várias oficinas ofertadas pelo projeto *Todos os Olhos na Amazônia*²¹. Paulino Guajajara ainda estava vivo e participou de todas as formações e nessa troca de saberes com técnicos da *Organização Não Governamental Greenpeace*, os *Guardiões* aprenderam várias formas de utilização de tecnologias, isso tudo, com o propósito de flagrar as invasões às T.I., desmatamento e roubo de madeira²² e que sirvam de evidências para quando se acionar a justiça, e com isso, esperar que o judiciário obrigue o governo federal a cumprir o que determina a Constituição Federal de 1988 em relação aos povos indígenas.

¹⁹ Nota *Violência contra Guardiões*. Disponível em: <https://bit.ly/3TjwHaX>. Acesso em: 06 set. 2022.

²⁰ Fonte: *Povo Tembé-Teneteraha denuncia assassinato de Isac Tembé como parte da luta que trava pela terra tradicional*. Disponível em: <https://bit.ly/3v0ADk2>. Acesso em: 20 ago. 2022.

²¹ “Todos os Olhos na Amazônia é um programa único que apoia os povos indígenas e comunidades locais em sua luta contra o desmatamento e a degradação do ecossistema. O Programa combina tecnologia de ponta, como satélites, aplicativos inovadores e drones, para detectar o desmatamento, a degradação ambiental e as violações dos direitos humanos, registrá-los e, eventualmente, impedir a continuação desses eventos”. Disponível em: <https://todososolhosnaamazonia.org/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

²² “As rondas acontecem no perímetro da terra demarcada e são feitas por grupos de pelo menos 5 pessoas - na maioria das vezes com bem mais gente. Algumas duram poucas horas, mas é normal que durem dias [...] as longas distâncias são percorridas a pé, mas também com a ajuda de motocicletas e quadriciclos motorizados. Muitos dos defensores pintam o rosto de vermelho, usando tinturas extraídas de sementes locais, como o urucum, obedecendo a uma tradição ancestral. Outros optam por cobrir o rosto com gorros para evitar a identificação”. Disponível em: <https://bit.ly/3ijK0xp>. Acesso em: 20 ago. 2022.

No caso da Amazônia brasileira como um todo, para que se tenha compreensão de tamanha devastação, eis os números oficiais divulgados pelo governo federal por intermédio de dados do *Programa Queimadas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais* (Inpe): no ano de 2020, os focos de queimada subiram 15,7% em relação a 2019, ou seja, a floresta registrou 103.161 ocorrências, contra 89.171 em 2019, o maior número contabilizado pelo Inpe desde 2017²³. O bioma ainda sofreu com desmatamento. A taxa oficial de desmatamento da maior floresta tropical do mundo em 2020, de 11.088 km², foi 70% maior que a média da década anterior (6.500 km² por ano)²⁴.

Em junho do ano de 2021, com base nos dados divulgados pelo Inpe, a grande mídia notícia que as queimadas na Amazônia Legal subiram 49% em maio passado quando comparado com o mesmo mês de 2020²⁵. Os dados do governo federal apontam que em uma parte do bioma, na região Norte, por exemplo, foi 1.210 focos registrados em maio, pior mês na série histórica na região desde o início do monitoramento dos dados de queimadas em todos os biomas brasileiros, realizado pelo Inpe, desde 1998.

Na referida reportagem (citada na nota de rodapé nº 7), foram ouvidos alguns especialistas sobre a questão. Nas palavras do secretário-executivo do *Observatório do Clima*, Marcio Astrini: “os criminosos estão trabalhando mais do que nunca porque o governo diminuiu a fiscalização de campo e os deixou muito à vontade pra praticar seus crimes”. Nessa mesma direção, pontua Suely Araújo, especialista-sênior em *Políticas Públicas do Observatório do Clima* e presidente do Ibama entre 2016 e 2018, a Amazônia está nas mãos desses criminosos porque o governo federal pratica uma “necropolítica ambiental”:

A visão do governo Bolsonaro para a Amazônia é uma visão que prevê a queda da floresta. Prevê também a desconsideração de direitos dos indígenas, de outras populações tradicionais e dos povos da floresta. É um a perspectiva de tragédia do ponto de vista socioambiental. É inadmissível.

O presente trabalho foi escrito entre os meses de agosto e setembro (sendo revisado em outubro) de 2022, e, quando consideramos a história do tempo presente, verificamos o quanto as práticas de destruição se atualizam continuamente. Ao considerar os números do

²³ Fonte: *Monitoramento dos Focos Ativos por Bioma: Amazônia*. Disponível em: <https://bit.ly/2EWaWwI>. Acesso em: 02 ago. 2022.

²⁴ Fonte: *Brasil encerra 2020 com maior número de focos de queimadas em uma década*. Disponível em: <https://bit.ly/2Si8M1o>. Acesso em: 02 ago. 2022.

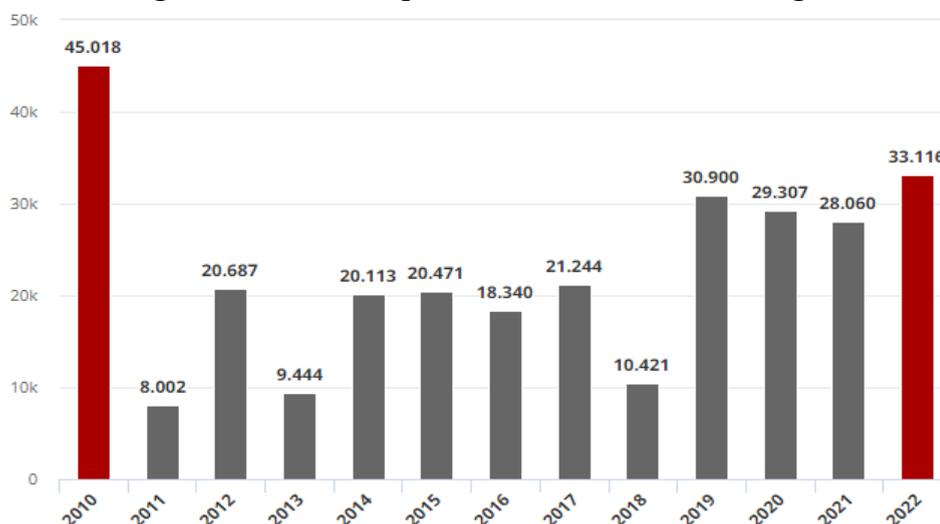
²⁵ Fonte: *Queimadas na Amazônia Legal sobem 49% em maio na comparação com o mesmo mês de 2020, aponta Inpe*. Disponível em: <https://glo.bo/2ShLOaJ>. Acesso em: 02 ago. 2022.

mês de agosto, constatamos que a Amazônia tem pior agosto de queimadas dos últimos 12 anos. Somente no dia 22 de agosto, o bioma teve o pior dia de queima em 15 anos.

A Amazônia registrou 33.116 focos de queimadas em agosto, o maior número para o mês desde 2010, quando 45.018 focos foram registrados. Os dados oficiais foram divulgados na manhã desta quinta-feira (1º) pelo Programa Queimadas, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Este é o quarto ano consecutivo da gestão do presidente Jair Bolsonaro (PL) que o número fica acima da marca de 28 mil. O índice também está acima da média histórica para o mês, que está em 26 mil (o cálculo do Inpe não considera os valores do ano corrente) [...] no último dia 22 de agosto, o bioma teve o pior dia de queimadas em 15 anos, com 3.358 focos registrados no intervalo. (PEIXOTO, 2022, *Online*)²⁶.

Imagem 2 – Focos de queimada na Amazônia em agosto



Fonte: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - Inpe (2022).

Sobre esses desastrosos índices, retomamos as considerações ex-presidente do Ibama (2016-2018), Suely Araújo:

Muita degradação ambiental, morte da fauna silvestre, doenças respiratórias na população nas diferentes faixas etárias. Os incêndios florestais na Amazônia estão batendo recordes neste ano em uma combinação de seca, explosão do desmatamento – impulsionada por um governo federal ecocida que vê a política ambiental como mero entrave a ser afastado – e uso inadequado do fogo associado ao próprio desmatamento.²⁷

²⁶ Fonte: *Amazônia tem pior agosto de queimadas dos últimos 12 anos*. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2022/09/01/amazonia-tem-pior-agosto-de-queimadas-dos-ultimos-12-anos.ghtml>. Acesso em: 05 out. 2022.

²⁷ Idem.

Infelizmente, em 2022, o desastre não se limitou ao mês de agosto, ou seja, mal começou o mês de setembro, em apenas três dias, a Amazônia brasileira registrou um total de 8.740 focos de incêndio medidos pelo Inpe. Se durante todo o mês de setembro de 2021 foram registrados 16.742 focos de incêndio pelo órgão, somente nos três primeiros dias de setembro de 2022, em apenas 10% do mês, o desastroso número se aproximou de 9 mil.²⁸

Desde a redemocratização, em todos os governos, os povos originários enfrentam problemas no tocante ao atendimento dos seus direitos constitucionais. Porém, desde o advento da Constituição Federal de 1988 até o atual mandatário, Jair Bolsonaro, nenhum presidente havia manifestado publicamente que não haveria de cumprir os deveres constitucionais dos povos indígenas e os ataques de maneira tão explícita.

Incrível como se tolera discursos neoultraconservador de um presidente²⁹ que faz questão de cometer sucessivos ataques aos originários desse país, difundindo sentidos mórbidos de violência, ódio e horror por meio de tecnologias necropolíticas (MBEMBE, 2016)³⁰. Um presidente declaradamente contrário à demarcação de terras indígenas (ameaçando, inclusive, reverter as já demarcadas)³¹; comparar indígenas que vivem em reservas com animais em zoológico³², e dizer que “cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós”³³, ou seja, mostrar-se completamente insensível à constituição histórico-social dos povos indígenas do Brasil. Bolsonaro é, portanto, é o presidente que possui uma agenda de governo extremamente anti-indígena desde o advento a promulgação da Constituição de 1988, logo a Carta Magna que melhor instituiu os direitos constitucionais aos indígenas³⁴.

A política bolsonarista permite o completo descaso em relação aos direitos originários e constitucionais. No ano passado, o *Conselho Indigenista Missionário* (Cimi) apresentou um profundo relatório que revelou a explosão de invasões aos territórios indígenas no primeiro ano do governo Bolsonaro. Os casos de violência contra indígenas dobraram entre 2018 e 2019 e as invasões de suas terras cresceram 135% no mesmo período. Eis alguns destaques:

²⁸ Fonte: *Em apenas 3 dias, Amazônia registra metade de queimadas de setembro de 2021*. Disponível em: <https://bit.ly/3RJKBSl>. Acesso em: 05 out. 2022.

²⁹ O atual “Chefe do Executivo, o maior representante político do ‘neoultraconservadorismo’ brasileiro, Jair Bolsonaro, notável em criar polêmicas e discursos moralistas que contrastam com algumas de suas ações” (PEREIRA et al, 2019, p. 460).

³⁰ Fonte: MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, v. 32, dez. 2016, p. 123-151.

³¹ Fonte: *Bolsonaro fala em “reverter” reservas indígenas já demarcadas*. Disponível em: <https://bit.ly/2T1ZtD4>. Acesso em: 20 ago. 2022.

³² Fonte: *Jair Bolsonaro compara indígenas a animais e CIMI divulga nota de repúdio*. Disponível em: <https://bit.ly/2T1gn4A>. Acesso em: 20 ago. 2022.

³³ Fonte: “Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós”, diz Bolsonaro em transmissão nas redes sociais. Disponível em: <https://glo.bo/3fEeikK>. Acesso em: 20 ago. 2022.

³⁴ MAGALHÃES, 2020.

Em 2019, foram 256 casos de invasões ‘possessórias, exploração ilegal de recursos e danos ao patrimônio em territórios indígenas’. Em 2018, haviam sido 109 casos. Isso representa alta de 135% no ano passado.

Essas invasões ocorreram em 151 terras indígenas, de 143 povos, em 23 estados do país.

Entre essas 256 invasões, 107 também apresentaram danos ao meio ambiente.

Foram 276 casos de violência direta contra indivíduos indígenas no ano passado. Em 2018, 110. O número dobrou.

Foram praticados diversos tipos de violência: abuso de poder (13); ameaça de morte (33); ameaças várias (34); assassinatos (113); homicídio culposo (20); lesões corporais dolosas (13); racismo e discriminação étnico-cultural (16); tentativa de assassinato (24); e violência sexual (10).

Foram 133 suicídios entre indígenas em 2019, contra 32 casos registrados no ano anterior. Os estados do Amazonas (59) e Mato Grosso do Sul (34) são os mais afetados. A mortalidade infantil (0 a 5 anos) saltou de 591 mortes em 2018, para 825 no ano passado. (DANTAS, 2020, *Online*).³⁵

Sem fim

Estudo divulgado em junho de 2020 aponta que, no caso do Maranhão, onde há o maior número de Tenetehara (os Guajajara), 80% da Floresta Amazônica já foi devastada³⁶. No estudo, o coordenador regional do *Conselho Indigenista Missionário do Maranhão* (Cimi/MA), Gilderlan Rodrigues, pontua que o processo de violência e desmatamento aumentou desde a posse do presidente Jair Bolsonaro:

Muitas das vezes, eles sabem que é um ato ilegal. Invadem territórios comentem assassinatos. Infelizmente, eles contam com esse governo, que não tem prendido ninguém, não tem colocado mais nenhuma pressão sobre os invasores [...] Agora está mais acelerado com esse governo, porque não se tem as operações que se tinha anteriormente. A certeza da impunidade faz com que esse aumento no desmatamento aconteça³⁷.

No lado ocidental, no Pará, dados oficiais também apontam o quanto este Estado vem liderando o desmatamento na Amazônia nos últimos meses³⁸, nos últimos dez anos³⁹, inclusive. Portanto, o trabalho que é realizado pelos *Guardiões da Floresta* se mostra como permanente e necessário tal como reconhece o coordenador regional do *Conselho Indigenista Missionário do Maranhão* (Cimi/MA), Gilderlan Rodrigues:

³⁵ Fonte: DANTAS, Carolina. Casos de violência dobram e invasões de terras indígenas crescem 135% entre 2018 e 2019, diz conselho. *GI*, Seção Natureza, set. 2020.

³⁶ Fonte: *No Maranhão, 80% da floresta amazônica já foi devastada*. Disponível em: <https://bit.ly/3inynRa>. Acesso em: 20 ago. 2022.

³⁷ (DANTAS, 2020, *Online*).

³⁸ Fonte: *Pará lidera desmatamento na Amazônia nos últimos 12 meses*. Disponível em: <https://glo.bo/3uUCIOt>. Acesso em: 20 ago. 2022.

³⁹ Fonte: *Pecuária e exploração de madeira mantém Pará na liderança do desmatamento da Amazônia*. Disponível em: <https://bit.ly/3v0ECgu>. Acesso em: 20 ago. 2022.

O trabalho que eles fazem é de fundamental importância. Acredito que se não fosse por eles, a Arariboia, a floresta que ainda resta ali, já teria deixado de existir [...]. Eles conseguiram diminuir as invasões. Ainda existe muita, mas diminuiu bastante. E deram visibilidade à sua luta externamente. Com isso, vão garantir às futuras gerações um território preservado para que as novas gerações possam crescer se alimentando dele e conhecendo os animais, os rituais, a cultura dos seus antepassados ⁴⁰.

Defender, proteger a *Mãe Terra*, muito mais que essencial para o bem viver dos povos originários, implica a garantia da continuidade da própria humanidade no planeta Terra. Se no Maranhão, cada *Guardião da Floresta* é um Paulino Guajajara; no Pará, é um Isac Tembé. Que cada tronco descansado nos inspire à defesa da *Terra Mãe*. Assim, ao atracar a minha canoa, peço emprestadas as palavras daquela que é a nossa maior liderança entre os Tenetehara, Sonia Guajajara, em ocasião de sua carta escrita para a coletânea *Cartas para o Bem Viver* ⁴¹:

Termino esta carta apresentando a você, Brasil, o meu sonho, porque temos que sonhar, como bem diz o meu parente Ailton Krenak, por isso, eu lanço, mais uma vez, os meus sonhos neste papel: quero que os povos indígenas tenham seus territórios garantidos, quero as demarcações necessárias para isso, o retorno à mãe terra, a Mãe de Todas as Lutas, a qual dedicamos nossas vidas por muitas gerações. Isso é o Bem Viver. Essa é a ideia de Bem Viver na qual acredito. Esse é o sonho e a realidade que ainda verei em vida.⁴²

Referências

ALMEIDA, Geisa de. Três indígenas Guajajara são mortos em menos de duas semanas no MA. **G1-MA**, 13 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2022/09/13/tres-indigenas-guajajara-sao-mortos-e-m-menos-de-duas-semanas-no-maranhao.ghtml>. Acesso em: 31 set. 2022.

BARBOSA, Catarina. No Maranhão, 80% da floresta amazônica já foi devastada. **Brasil de Fato**, jun. 2020. Seção Direitos Humanos. Disponível em: <https://bit.ly/3ppW8d5>. Acesso em: 12 ago. 2022.

BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. Modernidade/Colonialidade sem “Imperialidade”? O Elo Perdido do Giro Decolonial. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**. v. 60, n. 2, p. 205-540, 2017.

⁴⁰ Fonte: LIBARDI, Manuella. Os heróis amazônicos que não se rendem. *OpenDemocracy*, set. 2020.

⁴¹ XUCURU-KARIRI; COSTA, 2020, p. 24

⁴² Fonte: GUAJAJARA, Sonia. De Sonia Guajajara para o Brasil. In: XUCURU-KARIRI, Rafael; COSTA, Suzane Lima (org.). *Cartas para o Bem Viver*. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café, 2020. p. 23-24.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2021]. Disponível em: <https://bit.ly/3cvhtB>. Acesso em: 12 ago. 2022.

CARDOSO, Rafael; PEREIRA, Sidney. 'Enquanto estivermos vivos, vamos lutar', diz indígena sobrevivente a emboscada de madeireiros no Maranhão. **G1-MA**, 05 nov. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2022/09/13/tres-indigenas-guajajara-sao-mortos-e-m-menos-de-duas-semanas-no-maranhao.ghtml>. Acesso em: 31 set. 2022.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os Involuntários da Pátria - Reprodução de Aula pública realizada durante o ato Abril Indígena, Cinelândia, Rio de Janeiro 20/04/2016, **ARACÊ** – Direitos Humanos em Revista, ano 4, n. 5, fev./2017. Disponível em: <https://arace.emnuvens.com.br/arace/article/download/140/75>. Acesso em: 12 ago. 2022.

CÉSAR, Chico. Beradêro. *In*: CÉSAR, Chico. **Aos Vivos**. São Paulo, Velas. 1995. Faixa 1. CD/DVD.

DANTAS, Carolina. Casos de violência dobram e invasões de terras indígenas crescem 135% entre 2018 e 2019, diz conselho. **Portal G1**, Seção Natureza, set. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/2S5GRSx>. Acesso em: 12 ago. 2022.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/viewFile/90/70>. Acesso em: 05 out. 2022.

GUAJAJARA, Sonia. De Sonia Guajajara para o Brasil. *In*: XUCURU-KARIRI, Rafael; COSTA, Suzane Lima (org.) **Cartas para o Bem Viver**. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café, 2020. p. 23-24. Disponível em: <https://bit.ly/3pyUaXN>. Acesso em: 12 ago. 2022.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 23-31.

LIBARDI, Manuella. Os heróis amazônicos que não se rendem. **OpenDemocracy**, set. 2020. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/pt/guardioes-da-floresta-herois-amazonicos-que-nao-se-rendem/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MADEIRO, Carlos. Em apenas 3 dias, Amazônia registra metade de queimadas de setembro de 2021. **UOL**, 04 set. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3RJKBSl>. Acesso em: 05 out. 2022.

MAGALHÃES, Ana. Postura colonial do governo Bolsonaro ameaça povos indígenas e suas culturas ancestrais. **Carta Capital**, fev. 2020. Seção Sociedade. Disponível em: <https://bit.ly/3uiaixE>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, v. 32, dez. 2016, p. 123-151.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina**. 1. ed. São Paulo: Tuca, 1955.

PEIXOTO, Roberto. Amazônia tem pior agosto de queimadas dos últimos 12 anos. **G1**, Seção Meio Ambiente, 01 set. 2022. Fonte: Amazônia tem pior agosto de queimadas dos últimos 12 anos. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2022/09/01/amazonia-tem-pior-agosto-de-queimadas-dos-ultimos-12-anos.ghtml>. Acesso em: 05 out. 2022.

PEREIRA, Maria Zuleide da Costa; FREIRE, Miriam Espíndula dos Santos; RAMOS, Letícia. Democracia e as recentes reformas das políticas curriculares no contexto da educação básica no Brasil. **Revista Linguagens, Educação e Sociedade**, ano 24, n. 41, Teresina, jan-abr, 2019.

ZAGATTO, Bruna Pastro; SOUZA, Luiz Enrique Vieira de. A necropolítica ambiental nos quilombos de Ilha de Maré, Bahia, Brasil. **Amazônica: Revista de Antropologia (Online)**, v. 12, 2020, p. 253-276. Disponível em: <https://bit.ly/3gbIsy0>. Acesso em: 12 ago. 2022.

Data de submissão: 29/08/2022

Data de aprovação: 28/11/2022